

# PRÁTICAS DE LEITURA PARA EDUCAÇÃO FEMININA EM ASSÚ/RN (1920 -1926)

**SILVIA HELENA DE SÁ LEITÃO MORAIS FREIRE<sup>1</sup>**

## RESUMO

Este estudo fez parte do Projeto de Pesquisa História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955) e a Linha de Pesquisa História da educação feminina e práticas de professoras, do Núcleo de Pesquisa em Educação-NUPED. O objetivo foi analisar valores e saberes presentes na formação da professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão, na escola primária, entre 1925 e 1926, em Assú - RN, por meio do livro de leitura Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, editado pela Francisco Alves (1916). Para o desenvolvimento do estudo foi realizada uma leitura dos 23 contos que compõem a obra em análise. Após a leitura foram selecionados os contos, *A Pátria*, *A Partilha* e *A Borboleta Negra*, por focalizarem a mulher e a educação, de modo mais recorrente, nos respaldamos pelos estudos de Almeida (1998), Perrot (1997) e Silva (2007). Os contos evidenciam sobre as imagens das mulheres e suas formas de ser e de agir, as quais foram catalogadas em três eixos norteadores: mãe zelosa, educadora dos filhos, esposa virtuosa. As informações foram entrecruzadas com o Regimento Interno dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte, que explicita disciplinas e saberes que eram ensinados. Os elementos formativos destinados às mulheres presentes em Contos Pátrios e em disciplina da escola primária, propunham a formação feminina baseada em uma preparação intelectual, moral e familiar.

**Palavras-chave:** Educação feminina, Livro de leitura, Escola primária.

1 Doutora em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, silviahpedagogia@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

**E**ste trabalho integrou-se ao Projeto de Pesquisa História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955) e a Linha de Pesquisa História da educação feminina e práticas de professoras, do Núcleo de Pesquisa em Educação-NUPED. O objetivo foi analisar valores e saberes presentes na formação da professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão, na escola primária, entre 1925 e 1926, em Assú - RN, por meio do livro de leitura Contos pátrios, de autoria de Olavo Bilac e Coelho Neto, editado pela Francisco Alves em 1916, no Rio de Janeiro. O desenvolvimento deste trabalho deu-se ao nosso trajeto na pesquisa histórica da educação, iniciado com ingresso no curso de Pedagogia da UERN/Campus Avançado de Assú, na disciplina História da Educação Brasileira, no qual tivemos acesso às leituras que versavam sobre a educação feminina, fator que suscitou o desejo de estudar a história das mulheres e suas participações nesse processo formativo.

Sendo assim, iniciamos o contato com o grupo de pesquisa NUPED, assumindo posteriormente a condição de bolsista de iniciação científica (CNPq/PIBIC), participando do Projeto Histórias de vida e formação: professoras de EJA de Angicos/RN. Pesquisa que investigou por meio das histórias de vida de professoras de EJA espaços, tempos e práticas nas suas formações pessoais e profissionais.

No percurso da pesquisa nos deparamos com documentos históricos com informações acerca da vida, dos trajetos formativos e das práticas educativas de professoras assuenses. O contato com esse material subsidiou a construção de um novo projeto, História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955), no qual desenvolvemos o trabalho aqui apresentado.

A busca por vestígios da professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão nos aproximou do seu arquivo privado. Parte dos documentos foi danificada pelo tempo. Outra parte que tivemos acesso é composta de livro de leitura, cadernos manuscritos de poesia, correspondências, fotos, adornos pessoais, croquis, jornais da época e artigos religiosos.

Silva (2007, p. 2), fazendo referência às reflexões de Perrot (2005), considera que esses vestígios, durante muito tempo foram considerados “mil nada”, “quinquilharias” da existência feminina. Atualmente, eles funcionam “como valiosas fontes sinalizadoras das maneiras como

as mulheres viveram, foram educadas e educaram outras mulheres e homens.”

No desenvolvimento da pesquisa detectamos o livro *Contos Pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto, uma 14ª edição da Livraria Francisco Alves, que contribuiu para a formação escolar de Sílvia Filgueira de Sá Leitão. Esse volume foi conferido como Prêmio Coronel Pedro Soares por distinção escolar, a Francisca Dulce de Sá Leitão, irmã de Sílvia Filgueira de Sá Leitão, em 1919, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Ainda é possível perceber nesse exemplar, uma dedicatória de oferecimento produzida pela professora Clara Leitão e marcas de circulação e de registros de leitores, a exemplo das mulheres Sá Leitão, como Francisca Dulce, Letícia e Sílvia.

Esse livro de Olavo Bilac e Coelho Neto, amplamente divulgado e utilizado na escola primária brasileira, também marcou presença ao longo da década de vinte em Assú, na escola primária. Composto por 23 contos, discute acerca dos valores morais, os quais pregam amor à pátria republicana, enaltecendo a construção de um cidadão que participasse da edificação de uma sociedade civilizada. Observamos que em alguns textos, os autores explicitam a educação concedida ao sexo feminino, enaltecendo a formação de uma boa esposa, mãe virtuosa e, conseqüentemente, a formação de mulheres que participassem da educação de futuras gerações. Foram esses elementos notados nos contos que deram impulso a escolha desse livro para responder ao nosso questionamento de pesquisa: Quais valores e saberes para a formação das mulheres os livros de leitura abordavam?

## **OS CAMINHOS PERCORRIDOS DA PESQUISA**

Na perspectiva de compreender a temática do estudo, busquei subsídios em referências que discutem práticas e processos formativos de mulheres, enfatizando seus perfis e como foram educadas e educaram em diferentes épocas e espaços. Como exemplo dos referenciais, citamos Louro (1997), que ressalta a inserção da mulher no magistério e os caminhos por elas percorridos para ampliar seu universo social, até então restritos ao lar e à Igreja. Nessa discussão, a autora ainda enfoca a primeira Lei do Ensino Primário que regulamentou a participação da mulher na sala de aula, na condição de docente e de aluna. Além do livro *Contos Pátrios*, utilizamos como fonte o Regimento

interno dos grupos escolares, publicado em 1925, pelo Departamento de Educação do estado e o jornal *A Cidade*, que circulava na cidade de Assú, na década de 1920.

Nesse percurso, estudamos também Perrot (2005, p.35), evidenciando os processos socioeducacionais das mulheres e suas formas de ser e de fazer em diferentes épocas e espaços, ressaltando suas participações como sujeitos históricos e de memórias. A pesquisadora reconstitui memórias de mulheres a partir de arquivos privados, a exemplo dos sôtãos, dos baús nos quais elas guardavam “correspondências familiares, diários íntimos, cuja prática é recomendada para as moças por seus confessores e mais tarde por seus pedagogos, como um meio de controle de si mesma.”

Outra autora contemplada, Silva (2007b), versa sobre o ensino da leitura e da escrita na escola primária potiguar em 1920, destacando materiais de leitura utilizados em sala de aula, como o Primeiro e o Segundo livro de leitura, de Felisberto de Carvalho (1946). Silva (2007), também afirma que tais materiais didáticos não eram indicados pela legislação educativa do estado para o ensino da leitura e da escrita em sala de aula. Os livros indicados eram, por exemplo, os de Mariano de Oliveira, a Nova Cartilha Analítico-Sintética (S.d.) e a Cartilha Ensino Rápido da Leitura (1955).

Contos Pátrios, tal qual os livros de leitura de Felisberto de Carvalho, não constava na lista dos que eram utilizados no ensino do curso complementar primário, freqüentado por Sílvia Filgueira de Sá Leitão, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. No Regimento Interno dos Grupos Escolares (1925, p.84), os livros indicados para este nível escolar compreendiam: Como se aprende a língua, de Sampaio Doria; Geografia primária, de Veiga Cabral; Pequena História do Brasil, de Francisco Vianna; Aritmética Progressista, de Antonio Trajano; Manual Cívico, de Araújo Castro; Pequena História do Brasil, de M. da Veiga Cabral; O que o cidadão deve saber, de A. de Sampaio Doria e Aritmética complementar, de Tito Cardoso.

Olavo Bilac e Coelho Neto, autores de Contos Pátrios, tiveram participações relevantes na produção de livros escolares e na literatura brasileira. Suas produções foram lidas em todo o país. Olavo Bilac era jornalista, inspetor de ensino, teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, fundou vários jornais, como A Cigarra, O Meio, A Rua. E foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Imortalizou-se por meio de suas diversas produções, a exemplo de Crônicas e Novelas, Contos Pátrios e Teatro Infantil. Coelho Neto ocupou o cargo público de secretário do governo do estado do Rio de Janeiro, foi professor de história das artes e literatura. Manteve sua atividade literária em revistas e jornais. Sendo um prosador brasileiro bastante lido nas primeiras décadas do século XX.

Dos 23 contos que compõem a obra, selecionamos para este estudo *A Pátria*, *A Partilha* e *A Borboleta Negra*. A seleção dos três contos se deu a partir de uma leitura atenta da obra. Após a leitura fizemos um quadro de informações, sobre imagens de mulheres e suas formas de ser e de agir, catalogando-as em três eixos norteadores: mãe zelosa, educadora dos filhos, esposa virtuosa.

## LEITURA PARA EDUCAÇÃO FEMININA

As informações sobre imagens de mulheres e suas formas de ser e de agir são perceptíveis no conto *A pátria*, no qual é enaltecido o perfil da mulher boa esposa e companheira. A narrativa enfoca a vida de um casal marcado pelo destino da guerra do Paraguai. O esposo perdera a perna em um dos combates. À noite, quando a família se reunia na sala de jantar, lembrava os episódios que vivera na guerra. A esposa relembrava os dias de angústia, sem notícia do marido querido e seu encargo de cuidar e educar sozinha, os filhos:

Quando o pai voltou da guerra, vinha major. Fora ferido. Perdera a perna. A mulher abençoou essa desgraça. Ao menos, assim mutilado, ficava ele posto à margem, dispensado de voltar à mesma existência de perigos e canceiras. Podiam viver modestamente com o seu soldo. Qualquer outro trabalho leve de que se pudesse encarregar, dar-lhe o suficiente para educar os filhos. Carlos, o mais velho, preparar-se para qualquer profissão honrosa e tranqüila (nunca a profissão do pai): - e Alice, a mais moça, casaria, seria feliz. E a boa mãe já sorria, prevendo para sua velhice essa felicidade absoluta: toda a família reunida, calma e livre de desgostos, numa vida sem luxos, mas sem privações (BILAC; NETO, 1916, p.69).

Em *A partilha*, vislumbramos o perfil de mulher mãe, que zela pelos filhos. O texto conta à história de uma viúva e seus dois filhos



pequenos, que atravessam por dificuldades financeiras. A mãe frágil tenta superar a dor causada pela doença e pela fome. Sofre diante da falta de comida para alimentar seus filhos. Essa condição a faz esquecer até da precária saúde, mas não lhe escapa a missão de mãe e de educadora dos filhos:

Cantava e as lágrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pálida. Sofria, mas como era preciso que o pequeno adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança. O mais velho três anos, olhava-a sorridente e, de quando em quando cantarolava 'Estou com fome, mamãe, estou com fome...' [...] - Não chores! Olha que vai acordar o maninho. Espera. E, desabotoando, o corpinho tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os lábios descorados por onde as lágrimas corriam fio a fio e, entregando a tigelinha ao filho: - Toma! E não faças bulha [...] (BILAC; NETO, 1916, p. 33-34).

Outro conto, *A Borboleta Negra*, ressalta a maternidade como um papel relevante na vida de uma mulher. Retrata a história de dois irmãos, Henrique e Leonor, e o cão Leão, que adoravam caçar borboletas no campo. Certo dia foram eles em busca de belas borboletas. Leonor ao longo do caminho maravilhava-se com a beleza desses pequenos animais. O cão Leão sempre à frente desbravando o matalgal, ladrava intensamente chamando a atenção dos irmãos. Quando os dois se aproximaram viram um embrulho e perceberam que alguma coisa agitava-se dentro dele, ecoando rumores. As crianças abrem o embrulho e encontram uma criança negra recém-nascida. "Leonor com a seriedade de uma mulher feita embala a criança" (BILAC; NETO, 1916, p.134).

Jesus! É uma criança recém-nascida que está dentro do embrulho de flanela; é uma criancinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor sentada no chão, põe no colo a criaturinha de pele negra, e começa a embalá-la, já com a seriedade de uma mulher feita: - Coitadinha! Coitadinha! [...] Então Leonor tem uma idéia: - Henrique, vamos fazer uma surpresa à mamãe! Vamos levar-lhe esta pretinha! Henrique dá um salto de alegria: - Vamos, Leonor! E Leonor levanta-se, acomoda-se

no colo o embrulho de panos e flanelas. [...] E, enquanto o cão salta e late, Henrique exclama: - Mamãe! Mamãe! Venha ver uma borboleta negra que caçamos no mato! Quando a mãe chega à varanda, pára à porta, espantada. É Leonor, com a voz tremula, pergunta: - Não é verdade, mamãe, que não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela? - É verdade, minha filha! - diz a mãe. - Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! [...] E tomou nos braços a criancinha negra, única borboleta que Henrique e Leonor e o Leão caçaram nesse dia (BILAC; NETO, 1916, p. 133-138).

Nos contos em análise, a educação concedida ao sexo feminino ressalta tradicionais funções sociais que a mulher deveria exercer: o de esposa, de companheira, de mãe e de educadora da prole. Estes elementos, conforme analisa Silva (2007, p. 1-2), “são marcas de um processo educativo, onde a partilha dos papéis sociais de homens e de mulheres é enfocada, deixando transparecer os espaços de atuação de cada um desses sexos, e as relações de poder existente.”

Nunes (2005, p. 140), fazendo referências a esse perfil de mulher, ressalta que “o mercado de trabalho para a mulher, por exemplo, restringia-se às prendas domésticas e ao magistério, este, de preferência, para meninas. O ideal era que a mulher arranjasse um casamento.” Perseguindo as reflexões de Nunes (2005, p.140), autora ainda destaca, a forma como a mulher deveria se comportar perante a sociedade. “Para sair às ruas a mulher precisava de companhia: mãe, uma irmã, uma tia mais velha, uma prima, o pai, o marido, os filhos pequenos. Sair sozinha poderia afetar a sua honra. A designação “mulher só, dentro dos padrões da moral e dos bons costumes da época, classificava a mulher como “o antitemodelo da mulher ideal”.

O modelo de mulher mãe, educadora de futuros cidadãos, torna-se um referencial nos processos de educação feminina na escola e na vida privada. Nesse sentido, Pinheiro (2007, p. 4), afirma que “a relação entre maternidade e educação faz com que esse gênero passe a ser a referência na função de educar a sociedade para além do espaço educacional doméstico.” Almeida (1998, p. 18-19), discutindo a condição da mulher e as maneiras de educá-las para as atividades do espaço

privado e para a maternidade também aborda que, esse pensamento educativo compreendia a mulher apenas assumindo os papéis de mãe e esposa. “Para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade e, sendo o casamento sua principal aspiração, era indicada para ser a primeira educadora da infância, o sustentáculo da família e da pátria.”

Os modos de viver de Sílvia Filgueira de Sá Leitão sinalizam que tradicionais papéis sociais femininos explorados em Contos Pátrios, fizeram parte de sua educação, enquanto mulher e professora. Dentre esses papéis exigidos para uma moça adquirir respeito e representatividade nos espaços sociais, o trato social, as prendas do lar, as boas condutas, a doçura, a formação escolar e o empenho na arte de educar outros sujeitos, são aspectos vislumbrados na postura dessa professora. Sobre as formas de ser de Sílvia Filgueira de Sá Leitão, a poetisa e professora assuense Maria Carolina Wanderley Caldas, conhecida como Sinhazinha Wanderley escreveu:

Sílvia de Sá Leitão

É de boa estatura, a tez morena,  
Tem dulçor, seu olhar,  
O sorriso é suave, qual se fosse,  
Um lírio a desabrochar

De rara inteligência, é esforçada,  
Com zelo, com magia...  
Tem cadernos de ponto e tem ainda,  
De canto e poesia

Tem uma paciência inesgotável,  
Na arte de ensinar,  
Vai à aula depois dos seus deveres,  
No recinto do lar!

É muito preparada lá no Grupo,  
Quinau, ninguém lhe passe!  
Foi por merecimento nomeada,  
Adjunta de classe



Depois este lugar foi suprimido,  
Pelo Departamento,  
Mas ela, não ficou jamais avulsa  
Nem mesmo um só momento

É pronta, a concorrer com seu auxílio  
A quem a procurar  
Ela vai com denodo e com carinho,  
As turmas ensinar...  
Eu dou-lhe o meu aplauso, o meu abraço,  
De todo coração  
Saudando a professora competente,  
Sílvia de Sá Leitão.  
(CALDAS, S.d.).

Sílvia Filgueira de Sá Leitão não se uniu em matrimônio. Entretanto, as funções do lar e de educadora, assim como as responsabilidades pela formação de outros sujeitos, não deixaram de ser desempenhadas, à medida que se tornou professora primária, educando meninos, meninas, moças e rapazes, e assumindo os cuidados com a sobrinha Maria da Anunciação de Sá Leitão Moraes, órfã materna aos dois anos.

Os elementos de formação da mulher explorados em Contos Pátrios se expressam também na proposta educativa das disciplinas da escola primária que Sílvia Filgueira frequentou, na condição de aluna, a exemplo da disciplina trabalhos manuais. No Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, além de trabalhos manuais, o programa de ensino do sexo feminino, no período em análise, incluía as disciplinas de língua materna, aritmética, história, geografia, desenho e caligrafia.

Nas atividades de trabalhos manuais, as meninas, a exemplo de Sílvia Filgueira de Sá Leitão, aprendiam elementos de costura, como pontos, trabalhos usuais em lã, rendas, entremeios, camisas e trabalhos com modelagem de flores, folhas e papel (REGIMENTO INTERNO DOS GRUPOS ESCOLARES, 1925, p. 81).

Os saberes lecionados colaboravam com a formação dos papéis que a mulher desempenharia na função de dona-de-casa, de mãe e de esposa. A mulher, nessa perspectiva de formação se responsabilizava pelas vestimentas de filhos e maridos e o enxoval da casa. Essas

responsabilidades faziam parte do domínio do lar, e este domínio, constituía parte do destino feminino, conforme afirma Louro (1997, p.446):

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as de mando das criadas e serviçais, faziam parte da educação das moças, acrescentadas de elementos, que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente.

Sílvia Filgueira de Sá Leitão dedicava-se além das funções educativas, quando se tornou professora, as atividades de corte e costura. A confecção de colchas, bordados, rendas e de estolas eram suas especialidades manuais.

Percebemos que elementos formativos das disciplinas escolares e dos livros, como Contos Pátrios, destinados às mulheres, não visavam um fim profissional e sim educativo, ajudando-as na administração do lar e na educação dos filhos. Nessa configuração, a professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão e as mulheres de seu tempo foram educadas, se apropriando de habilidades consideradas primordiais ao sexo feminino, desempenhando-as ao longo do trajeto de suas vidas. A formação escolar de uma mulher se dava para além dela, dos seus anseios ou necessidades, visava propósitos formativos de futuros cidadãos brasileiros, embasados em uma educação moral e cívica.

De acordo com Silva (2007, p. 3):

Estes elementos da cultura escolar enalteciam a formação da mulher, preservando valores morais, pregando o amor à pátria republicana e o fortalecimento da família. Sob a égide de ideais científico-positivistas, a mulher era convidada à missão de contribuir para a civilidade da população e o progresso econômico e social do Brasil.

Silva (2007, p. 7), ainda aborda que “em conexão com esse ideário, a sociedade de Assú fundou escolas primárias e secundárias femininas”, para formar as mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa, constatamos que a exemplo de outros contextos históricos brasileiros, em Assú as mulheres foram ocupando espaços públicos, para além das funções domésticas, atuando no campo das letras e da educação. A exemplo dessas mulheres que ocuparam o universo público, destaca-se a professora pesquisada nesse estudo Silvia Filgueira de Sá Leitão (1910-1982), que foi professora no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e na Escola Normal Regional de Assú, contribuindo com a educação de gerações de assuenses, por mais de três décadas. Atuando, também, em espaços como os das letras e o religioso. Analisar seus processos formativos na escola primária auxilia na compreensão dos modos como as mulheres eram educadas no Rio Grande do Norte.

Os processos formativos destinados às mulheres presentes no livro de leitura *Contos Pátrios* e em disciplina da escola primária propunham a formação feminina baseada em uma preparação intelectual, moral e familiar. Esta última tipologia de preparação voltava-se à administração do lar, à educação dos filhos e ao desempenho do papel de esposa. A formação das mulheres ainda visava disciplinar sua atuação no âmbito social, em particular no universo público, o qual “exigia” uma mulher educada, recatada, com práticas de civilidade e colaboradora do processo de modernização do país. A formação escolar de uma mulher, muitas vezes se dava para além dela, dos seus anseios ou necessidades. Tratava-se de uma formação articulada com a proposta educativa social e econômica do Brasil Republicano

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. 14 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto-UNESP, 1997.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Sociedade, mulher e educação nos Romances de Graciliano Ramos**. 2005. p.140 Tese. (Doutorado em Educação)- Universidade do Rio Grande do Norte, Natal.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. **História da educação das mulheres em Natal (1889-1899)**. 2003. p.4 Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Rio Grande do Norte, Natal.

RIO GRANDE DO NORTE. Departamento de Educação. Regimento Interno dos Grupos Escolares. Typographia de **A República**. Natal, 1925.

SILVA, Maria da Conceição. Ensino de leitura e escrita: a escola primária potiguar em 1920.

In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. **Linguagem e educação**: fios que se entrecruzam na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955) In: **Anais da I Jornada de estudos e pesquisas em educação e planejamento de ensino**. Pau dos Ferros/RN: UERN, 2007. CD-ROM.

GRUPO ESCOLAR. Resultado dos exames ultimamente procedidos. **A Cidade**, Assú, 07 set. 1922. n 360, p.6.